

Pacote recebido com desconfiança

Turnê européia do ministro da Fazenda esbarra na falta de informação e de conhecimento da economia brasileira

Frankfurt — Executivos de bancos privados franceses ficaram contrariados com a decisão do Fundo Monetário Internacional (FMI) de apoiar a política cambial brasileira em lugar de exigir uma desvalorização do real como preço para o acordo de estabilização fiscal do País, anunciado na semana passada. Vários deles manifestaram sua frustração numa reunião realizada nos últimos dias, na qual estiveram presentes funcionários de agências oficiais, como a Coface, a agência de financiamento de exportações.

Na Alemanha, a crise russa já custou bilhões aos bancos comerciais e os tornou mais avessos a risco. E o mais importante jornal financeiro da Inglaterra, *The Financial Times*, resumiu ontem, num artigo intitulado *O Último Tango no Rio* (veja matéria abaixo), o ceticismo de muitos sobre as chances de sucesso do programa brasileiro, chamando atenção para os riscos que ele representa para o FMI.

Depois de ter obtido uma reação inicial positiva das instituições financeiras americanas ao convite que fez em Nova York, no início da semana, para que voltem a apostar

no Brasil, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, deverá encontrar platéias mais reticentes na fase européia da turnê, organizada para explicar o programa econômico e a expectativa da participação voluntária dos investidores no financiamento do déficit externo do País.

BANQUEIROS

O ministro da Fazenda iniciou seus contatos na Alemanha com um encontro, ontem, com o novo ministro das Finanças da Alemanha, Oskar Lafontaine, em Bonn. Hoje ele se encontra com banqueiros e investidores privados pela manhã e conversa, à tarde, com as duas principais autoridades monetárias da Europa: o presidente do novo Banco Central Europeu, Win Duisenberg, e o chefe do Bundesbank, o BC alemão, Hans Tietmeyer. À noite segue para Paris. Na segunda-feira, Malan estará em Londres.

“Os europeus estão mais pessimistas do que os americanos e os franceses estão particularmente negativos”, disse Jean Louis Terrier, presidente da *Crédit Risque International*, uma pequena firma que avalia risco de investimentos para em-

Herman J. Knippertz/France Presse



Malan iniciou seus contatos na Alemanha a partir de um encontro com o ministro das Finanças, Oskar Lafontaine

presas multinacionais, em Paris. “Há duas razões para isso e ambas são produtos de falta de informação e de conhecimento sobre a economia brasileira, refletindo também uma certa rigidez psicológica do mercado, que às vezes custa a mudar”.

A primeira razão, segundo Terrier, é a expectativa frustrada, entre os que acreditam que o real está muito sobrevalorizado, de que o FMI forçaria o Brasil a fazer uma forte depreciação. A segunda, são as dúvidas que persistem entre muitos

investidores sobre a capacidade do governo de refinar a crescente dívida pública interna do País, a despeito dos repetidos esclarecimentos do governo de que os credores dessas obrigações da República são brasileiros, sua renovação é feita

no mercado doméstico há 25 anos e não está em questão.

O ceticismo dos banqueiros quanto ao sucesso do acordo entre o Brasil e o FMI parece ser menor na Alemanha, que detém a maior parcela de investimentos europeus na América Latina, de aproximadamente 25 bilhões de marcos, dois terços dos quais estão no Brasil.

“O Brasil é um país muito importante para a economia alemã e, especialmente, para a nossa indústria”, disse o economista-chefe do Dresdner Bank, Heinz Mewes. “Todas as grandes corporações estão no Brasil desde os anos 60 e isso faz com que o sucesso do programa econômico brasileiro seja algo fortemente do nosso interesse”.

Segundo Mewes, a situação da Rússia é, de fato, um elemento importante para os bancos na avaliação de sua posição de risco externo. “Mas é também uma notícia antiga e não creio que ela influencia a avaliação que eles fazem sobre o Brasil”. O economista, que pretende assistir à apresentação que Malan fará hoje no Hotel Frankfurter Hof, disse que o ministro da Fazenda “será recebido por banqueiros muito bem dispostos a ouvir o que ele tem a dizer”. Ele acredita que os grandes bancos alemães deverão seguir o exemplo dos americanos e assumir o compromisso de manter suas linhas interbancárias e comerciais no país.